

# O Suicídio na cultura japonesa

## Suicide in the japanese culture

Heidi Hirano<sup>1</sup>

Resumo: Embasadas na crença de que o suicídio é um tema de importância e relevância epistemológica, o presente trabalho tem como objetivo geral refletir sobre o suicídio na cultura japonesa, mais especificamente, compreender o *harakiri* e a crença dos *kamikazes*. O problema de pesquisa deste trabalho é: Como o suicídio é compreendido na cultura japonesa? Foi utilizado o método documental, baseado em um referencial teórico de diversas áreas de conhecimentos como Psicologia, Sociologia e Filosofia, assim como estudos específicos da cultura japonesa sobre o suicídio. Será apresentada a visão de morte, o suicídio e como ele é abordado na sociedade japonesa, compreendendo a história do Japão, a Era dos *Samurais*, suas crenças, além da reflexão sobre como a religião predominante no país, o *harakiri* e os *kamikazes* e podem influenciar a motivação do suicídio na cultura japonesa atual, através do sentimento de honra.

**Palavras-chave:** suicídio, morte, cultura japonesa.

Abstract: Based in the belief that suicide is a topic of importance and epistemological relevance, this research has the main objective to reflect on suicide in Japanese culture, more specifically, to understand the *harakiri* and the *kamikaze's* belief. The research problem of this study is: How suicide is understood in Japanese culture? We used the documentary method, based on a theoretical framework from different areas of knowledge such as Psychology, Sociology and Philosophy, and specific studies of Japanese culture on suicide. The death vision will be presented, suicide and how it is approached in Japanese society, including the history of Japan, the Age of the Samurai, their beliefs, beyond the reflection on the predominant religion in the country, the *harakiri* and *kamikaze* and how this can influence the motivation of suicide in the current Japanese culture through the sense of honor.

**Keywords:** suicide, death, japanese culture.

---

<sup>1</sup> Psicóloga e facilitadora formada pela Universidade Mackenzie, pós-graduada em Pedagogia da Cooperação e Metodologias Colaborativas pela UniBR em parceria com Projeto Cooperação e MBA em Gestão de Negócios pela BI International. [heidihirano@gmail.com](mailto:heidihirano@gmail.com); <https://br.linkedin.com/in/hhirano>

# O Suicídio na cultura japonesa

## Suicide in the japanese culture

Heidi Hirano

### Introdução

Este estudo sobre o suicídio na cultura japonesa destaca dois pontos principais para sua compreensão: o *HARAKIRI* (também denominado *SEPUKKU*), dos *samurais*, e a crença, dos *KAMIKAZES*.

A evidência das diferenças entre ocidentais e japoneses serão explicitadas através do levantamento histórico da cultura e crença deste assunto no Japão. Essa percepção mostrará ao terapeuta a importância de querer conhecer melhor o contexto em que o cliente viveu ou vive, seus valores, suas influências para que possamos compreender melhor **seus porquês**, efetivando assim, um manejo menos superficial durante a sessão terapêutica.

A escolha do estudo deste tema, na cultura japonesa, é justificada não só pelas minhas raízes orientais, sou descendente de japoneses, mas também pela percepção que adquiri quando morei no Japão, por três meses. Durante esta vivência percebi a importância da reflexão sobre este tema entre os japoneses, no qual a espiritualidade e o simbolismo estão intrínsecos com os valores culturais, religiosos e morais. Os imigrantes da terra do Sol Nascente vieram ao Brasil desde 1908, completando o centenário da imigração japonesa no mês de junho de 2008. Em 2015, completamos 120 anos do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Brasil e o Japão, e neste período, esses dois países estabeleceram diversos intercâmbios econômicos e culturais. Atualmente, percebo a presença das influências da cultura japonesa em meus conflitos internos e, compreendê-los, proporciona meu desenvolvimento como pessoa e cidadã ocidental, com valores orientais, pois: “Os imigrantes japoneses vieram para o Brasil trazendo modos de agir, pensar, estilos de vida e práticas cotidianas radicalmente diferentes dos usos e costumes, hábitos e valores vigentes na sociedade receptora” (Carneiro & Takeuchi, 2010, p.13).

Quando iniciei meus estudos a respeito do tema abordado, há dez anos, minha compreensão era limitada apenas às causas e conseqüências do suicídio em si. Enxergava-o como um ato cometido por pessoas que passavam por um sofrimento físico e ou psicológico e que, procuravam ou tentavam através do suicídio acabar com ele definitivamente. Acreditava também que em todos os casos a pessoa que apresenta comportamento suicida estava infeliz consigo mesmo ou com o outro, o que não deixa de ser verdadeiro, mas que não é a única justificativa para uma atitude tão extrema. A complexidade envolvida nesta escolha era muito mais profunda.

Durante as minhas pesquisas e análises sobre o tema, fui compreendendo que não poderia ser tão pragmática e, à medida em que fui me aprofundando no assunto, verifiquei que no Japão, a morte, mesmo a natural, tem uma conotação muito diferente do que significa para nós, ocidentais, por isto, podemos perceber que em seus enterros não há desespero nem desaprovação, mas sim, aceitação, pois ela é entendida como o refúgio onde reina a harmonia perfeita e, através dela todos os ódios podem se apagar, contra o preço de tal sacrifício. E no caso, a morte voluntária é chamada para garantir o alcance desta paz.

Escolhi-o por ser um tema pouco discutido socialmente tanto por medo, como por receio entre as pessoas, e confesso que ele me impôs também, desafios pessoais de enfrentamento, para conseguir compreender como alguém escolhe a morte voluntária.

Foi interessante perceber, que só ao comentar que estava fazendo um estudo sobre o tema, várias pessoas compartilharam comigo, gratuitamente, seus conhecimentos e vivências, como se apenas precisassem de uma porta aberta para entrar em contato com tamanho problema, esperando talvez, que eu já estivesse com as respostas prontas.

Convido então, os ocidentais – leitores, a deixarem sua “bagagem” com suas ideias sobre suicídio, aqui e agora, nestas linhas. E que “mergulhem” no universo japonês, a fim de tentar compreendê-lo.

### Método

Para este estudo, foi utilizado o método documental, baseado em um referencial teórico de diversas áreas de conhecimentos como Psicologia, Psiquiatria, Sociologia e Filosofia, assim como estudos específicos da cultura japonesa sobre o suicídio, o *bushido*, o código de honra dos *samurais*, os casos de *harakiri* e os propósitos dos *kamikazes*. Alguns dados foram revistos através de pesquisas de dados recentes da Organização Mundial de Saúde (WHO, 2014).

### Resultados

Este trabalho ofereceu além da compreensão do suicídio, a sensibilização e a ampliação do entendimento sobre o suicídio para as pessoas que precisam lidar com a vida e a morte no seu cotidiano. Além disso, uma profunda reflexão sobre os valores e significados da “*honra*” e “*existência*”, a interdependência da vida e da morte, interligados a uma perda não apenas individual, mas também, coletiva. No Japão, por causa dos valores sociais e culturais, existe uma cobrança ainda mais acentuada, o que poderíamos apontar como uma das razões das altas taxas de suicídio. Podemos pensar então, que o sentimento de honra motiva o suicídio na cultura japonesa até os dias atuais. Mas é importante salientar que no Japão Antigo, o suicídio era visto como uma forma de fechamento de uma Gestalt através do enfrentamento da morte. No Japão Moderno, o suicídio é a quebra do ciclo de uma Gestalt porque a honradez, não é uma demonstração da hombridade e maturidade do ser como antigamente, mas sim, um reflexo da invasão cultural ocidental nas tradições do Japão, que com a modernidade, se vê obrigado a “abrir suas portas” para uma cultura que propaga um imediatismo e consumismo sem ao menos permitir que os tradicionais valores intrínsecos do povo japonês possam “conviver”, para que eles não se sintam órfãos da sua identidade de valores.

O psicólogo, trabalhando os aspectos culturais do cliente, consegue perceber com maior compreensão, como atuar com pacientes suicidas e seus sinais de risco. A compreensão do universo do seu cliente e o trabalho com a auto-aceitação do seu ser são imprescindíveis para o trabalho terapêutico.

### Discussão

Segundo a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2014), mais de 800.000 pessoas morrem por suicídio por ano é a segunda maior causa de morte entre pessoas de quinze a vinte e nove anos de idade. No ano de 2013, a taxa nacional do Japão de suicídio foi de 21,4 mortes a cada 100.000 pessoas – muito acima de outros países desenvolvidos (12,7 mortes a cada 100.000 pessoas). No entanto, o país tem tido significantes ganhos em prevenção de suicídio na última década, segundo a comparação com os resultados desta mesma pesquisa feita em 2002, que evidencia a diminuição de 200.000 mortes por suicídio no Japão.

Historicamente, lembramos que: “no Japão Antigo, acreditava-se que um ato representasse muito mais que o mais longo dos discursos, pois o discurso podia mentir, o ato jamais” (Durkheim, 2005, p. 62).

Através de pesquisas realizadas no Japão, percebe-se que existem segredos de famílias que são endossados por todos os membros por várias gerações até se tornarem um mito. Esses mitos frequentemente perdem-se com o passar dos anos, contudo parecem não diminuir o seu poder.

Outro aspecto importante a ser observado é que os japoneses, ou descendentes destes se preocupam muito com o que os outros podem pensar de sua conduta, sendo invadidos por sentimento de culpa e/ou vergonha, mesmo que os demais não soubessem de seu deslize. É como se, a todo o momento, alguém estivesse sempre lhe julgando. A sociedade japonesa incute padrões absolutos de moralidade. A vergonha aparece, já que é uma reação à crítica dos demais, transformando-se em sanção poderosa, uma vez que a honra e a dignidade são condições essenciais. O indivíduo sacrifica-se em nome da sociedade e de seus valores. Para ilustrar este sentimento, indico o autor Haruki Murakami, um dos nomes mais importantes da literatura contemporânea japonesa, que publicou diversos romances onde o tema do *seppuku* e a morte voluntária tem um papel fundamental no enredo dos personagens.

O suicídio é um ato revestido de muita violência, isto por se tratar de um processo de autodestruição. É uma forma de violência, seguramente a mais polêmica e que encerra em si todas as angústias e sofrimentos do homem, do desespero humano atual. Filosoficamente é um ato que questiona a existência de modo drástico e definitivo. É sabido que outros questionamentos são igualmente realizados ao longo da vida, mas o que dimensiona a **validade** real dela, é o mais complexo.

As histórias dos samurais, o *Bushido*, e as religiões são alguns dos fatores que influenciam a forma com que os japoneses compreendem a morte e o morrer. Os *samurais* eram a elite guerreira do Japão feudal. A palavra *samurai* vem do verbo “*saburai*” que significa “aquele que serve ao senhor”. O período de maior reconhecimento dessa classe foi entre 1185 e 1867. No início, qualquer cidadão poderia se tornar um *samurai*. Seus serviços eram minoritários como cobradores de impostos e guardiões da corte imperial. Eram chamados *rounin* enquanto não eram contratados por um senhor feudal ou *damiyo*.

Na Era *Tokugawa* (1603), eles formavam a mais alta classe social e só filhos de *samurais* poderiam tornar-se *samurais*. Eles não temiam a morte e deveriam morrer com honra defendendo seu senhor, ou defendendo a própria reputação e o nome de seus ancestrais. Se viessem a falhar ou cometessem um ato de desonra para si próprio, manchando o nome de seu senhor e familiares, ou se ele deixasse o seu senhor morrer por ineficiência, o *samurai* era ensinado a cometer o *harakiri* ou *seppuku*. O *samurai* deveria ter coragem e não temer perder a vida em batalha, pois acreditava na reencarnação, ou seja, teria outras passagens na Terra. Se ele morresse para defender sua honra, teria cumprido sua missão em vida. O lado espiritual do *samurai*, ajudava-o a combater seu medo. Dessa forma, o *samurai* tinha mais autocontrole, disciplina e simplicidade no modo de viver.

Este ato era um dos ensinamentos do *Bushido*, o código de honra dos *samurais* que significava “caminho do guerreiro”. Era um código de conduta não escrito, passado de pai para filho ao longo da História. Apenas no final do período *Sengoku* e o começo do regime *Tokugawa*, houve uma tentativa de formalizar o *bushido* como um código samurai universal. Esse código foi formado e influenciado pelo Budismo, pelo Xintoísmo e Confucionismo.

O Xintoísmo, anterior ao Budismo, é a religião originária do Japão. É por causa dessa religião que o país tem, até hoje, o costume de cultuar seus antepassados, oferecendo alimentos simbólicos e rezas para purificação dos espíritos que já foram e àqueles que ainda estão vivos. O mito da família divina da família imperial é a base da religião do deus *Xinto* (“o caminho das divindades”) e da deusa *Amaterasu Oomikami*, que é sua filha. Assim, o primeiro imperador do Japão é descendente direto deste deus. O Xintoísmo é um conjunto de crenças e práticas religiosas voltado para os velhos e a crença na vida eterna. Por ele, não existe o estigma da “danação eterna” (castigo de ir para o inferno), pois além do mundo físico, a vida continuará deixando sempre a possibilidade de uma redenção. Percebemos que o suicida japonês está ciente que mata apenas o seu corpo físico, jamais a sua alma.

Segundo o Budismo, religião originária da Índia e inserida no Japão através da China

e Coréia em 593 d.C., existe a crença de vida após a morte. As técnicas de meditação ZEN capacitavam-nos a não se apegarem às coisas e sim, ao seu “Eu Interior”, em harmonia com o mundo externo. Isto foi fundamental para a superação do medo à morte, pela convicção de que a personalidade humana mora no coletivo. As cerimônias que celebram as vidas, como nascimento e casamento, seguem os rituais Xintoístas. Já os rituais fúnebres, são realizados de acordo com o ritual Budista.

O povo japonês, após a era feudal tornou-se harmonioso, não diferenciando, e sim, respeitando as demais religiões.

Finalmente, aparece a influência do Confucionismo, que é aceito e absorvido nas ideias do chinês *Kung Funtzu* (551-479 a.C.), conhecido pelos cristãos como Confúcio, que foram facilmente aceitas e muito bem relacionadas ao *Bushido*, pelos ideais de moralidade e educação, através de cinco virtudes. Suas ideias conseguiram adeptos no Japão, principalmente no campo político, quando afirmava que a autoridade tem origem no mandato divino que pertence ao imperador, e que para deter a desordem social, era necessária a lealdade ao céu e ao imperador. Socialmente, afirmava que a hierarquia era fundamental para o relacionamento humano.

Mas como era praticado, o *harakiri*?

O ritual consistia na introdução da espada curta do *samurai* no lado esquerdo do abdômen, cortando a região central do corpo e puxando a lâmina para cima. A palavra *hara* tem a mesma raiz da palavra *hari*, que significa tensão. O centro do corpo, era compreendido como o centro das emoções e do espírito, onde se encontrava à vontade, generosidade, audácia, ira etc. Assim, o *samurai* estaria, literalmente, cortando sua alma e reconhecendo sua perda, sua derrota, sua desonra. Como os ferimentos causam uma agonia prolongada, era comum que outro indivíduo, geralmente pessoa amiga, significativa para o praticante, decapitasse o sujeito, com o sabre para poupá-lo do sofrimento subsequente.

A relação entre o centro das emoções e do corpo não aparece somente na cultura japonesa. Para os gregos, *phren*, ou diafragma, significa também o lugar onde estão as paixões e afetos. Em francês, *ventre*, ou abdômen, se associa com *coer* (coração, mente). *Entrailles* significa intestinos e também, sentimentos, ternura, coração ou piedade. Em hebreu a palavra *rahmin* no plural significa a zona intestinal do corpo ou ventre e também significa afeto.

No Japão, o índice de câncer de estômago faz o país ser o primeiro e mais importante país no mundo em sua incidência. A região abdominal é então centro das emoções e todos os ajustamentos disfuncionais que o nosso corpo faz, podem ocasionar gastrites, úlceras e câncer.

O *Seppuku* apareceu pela primeira vez no século XII e se transformou em tradição na classe dos guerreiros do século XIII ao XVIII. Os jovens samurais eram instruídos sobre como praticá-lo honrosamente quando fosse chegada a hora. Ele deixou de ser legal a partir de 1868, sendo praticado após este período com caráter não-obrigatório. Para os samurais, o cultivo dos movimentos neste ritual é muito importante, pois fazem do suicídio a última obra de Arte na VIDA. A morte, aqui, aparece como “ARTE FINAL”. Dessa maneira, o suicídio é uma escolha deliberada de uma solução entre outras, como um gesto ético, referido a princípios e valores.

Os japoneses feudais, pelo *Harakiri*, transformaram o suicídio em ato louvável e honrado. E também os *Kamikazes* o apresentaram como uma das facetas contemporâneas mais polêmicas que serão aprofundados ainda neste capítulo.

Praticar o *Harakiri* era um privilégio e honra e, mesmo quando o Catolicismo chegou ao Japão, a proibição cristã não foi suficiente para acabar com o *Seppuku*, isto porque dois princípios são muito arraigados na cultura japonesa: o da **HONRA** (suicídio após uma

derrota) e o do **SERVIÇO** (*Seppuku* para acompanhamento do chefe como último serviço na vida). No Japão, este ato devolve ao praticante, a conduta ativa no mundo, valorizada em sua bravura. Para o japonês, “quem teme a morte, morrerá vencido, quem a desafia viverá vencedor” (DIAS, 1991, p. 48).

O Japão é um país predominantemente budista, e é cercado por um clima de espiritualidade, na crença no pós vida. Há inúmeros rituais dedicados aos mortos: como o “culto aos antepassados”, como também os rituais aos espíritos dos mortos. O simbolismo e as crenças são muito diferentes como coloca Maurice Pinguet (1987, p.23) “O Japão medieval conheceu, através do budismo, uma preocupação de salvação e até mesmo, com as seitas da Terra Pura, ímpetos intensos de fideísmo na esperança de um outro mundo”. Por causa da dedicação e fidelidade ao Imperador, das histórias dos *samurais* e da religião predominante, hoje, o suicídio no Japão não é visto da mesma forma.

Na Era *Showa* (1926 a 1989), o Japão ocupou o primeiro lugar no *ranking* de suicídios e ficou conhecido como *Jisatsu Ookoku*, ou seja, o Reino dos Suicídios. Nesse mesmo período, os jovens pilotos da Marinha Imperial Japonesa atiravam seus aviões contra os alvos inimigos durante a Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945). Os pilotos eram chamados *kamikazes*, que traduzindo, eram os “ventos dos deuses”. As idades dos jovens variavam entre 17 e 25 anos e cometiam esse suicídio com devoção e orgulho, em nome da Pátria e do Imperador.

Há 60 anos, no fim da Segunda Guerra Mundial, o Japão estava sendo massacrado pelos bombardeios dos EUA e precisava impedir o avanço dos inimigos com o menor número de mortos. Adotou uma ousada estratégia de guerra: pilotos se atiravam contra o alvo inimigo em aviões carregados de bombas. Dessa maneira, os *kamikazes* surpreenderam a todos, inclusive aos adversários. Era o próprio piloto quem decidia ser ou não um piloto suicida. Havia um curso para os pilotos e uma enquete para que assinalassem o grau de desejo para ser um piloto suicida. Os pilotos convocados para se tornarem um piloto suicida, receberiam um treinamento completo chamado *yokaren*. Depois de convocados, havia uma preparação de três anos. Os primeiros *kamikazes* eram pilotos profissionais com até cinco anos de preparação. Muitas vezes o alvo estava em movimento e exigia muita técnica e perfeição.

O primeiro ataque *kamikaze* foi datado em 25 de outubro de 1944, durante a Batalha de Samos, nas Filipinas e o ataque mais marcante foi na Batalha de Okinawa, onde mais de 300 navios mergulharam ao mesmo tempo sobre uma frota americana.

Entre 1939 e agosto de 1945, o Japão produziu cerca de dez mil unidades do avião “Zero”, modelo mais utilizado pelos *kamikazes*. Cada avião carregava em torno de 250 Kg de bombas. Eles praticavam a morte voluntária porque não aceitavam de maneira nenhuma a perda da guerra para um outro país. Sendo assim, aceitavam menos ainda perder para um país ocidental, por este motivo, se entregaram à morte como última tentativa para reverter sua derrota, ela, num primeiro momento garantiu ao Japão ganhar algumas batalhas.

Os *kamikazes* acreditavam que valia a pena morrer para que o Japão não acabasse, o que de certa maneira, acabou se concretizando. No final da guerra, no Japão quase não havia aviões disponíveis para combate. Até as aeronaves utilizadas pelos estudantes estavam sendo usadas pelos *kamikazes*. Iniciaram-se então ataques suicidas em pequenas embarcações, também carregadas de bombas.

O Japão utilizou essa estratégia até o final da Guerra, que terminou tragicamente, em 1945, em meio a fumaça, poeira e devastação. Com as bombas de Hiroshima em 6 de agosto de 1945 e, de Nagasaki, em 9 de agosto de 1945, o Japão se viu obrigado a reconhecer a derrota. O país carrega a dor e o sofrimento desse término até os dias atuais. Há museus e marcos espalhados por todas essas cidades, lembrando ao Japão e ao mundo essa tragédia. O que aconteceu supera o tempo e a compreensão humana.

Sabe-se que, o próprio Santos Dumont, pioneiro da aviação, tendo depressão,

cometeu o suicídio por ter ficado demasiadamente desapontado com o uso de sua própria invenção para o mal.

A missão dos *kamikazes* poderia ser classificada segundo a teoria de Émile Durkheim (2005, p.234), como suicídio altruístico: “aquele em que o eu não pertence a si próprio, em que se identifica com outra coisa que lhe é exterior, em que o polo de conduta reside fora dele, isto é, situa-se nos grupos a que pertence”.

Esta é uma das grandes e polêmicas questões sobre o suicídio nesses casos. O que é o altruísmo? Qual é a percepção do limite entre o Eu e o Outro? A motivação suicida pode ser ferozmente criticada por uma grande parte do mundo ocidental e também oriental. Aprendemos a julgar as atitudes nossas e dos outros. Em meus estudos sobre o Budismo e espiritualidade, tenho me questionado muito sobre os meus julgamentos. Utilizamos uma base racional para dizer o que é certo e é errado. No entanto, ao julgar, pouco conseguimos enxergar o outro em sua integridade. O maior desafio é saber quando se está julgando e não está se ouvindo. Como terapeuta, como pessoa, como parceiro ou como ouvinte, este é um exercício contínuo para poder lidar com o outro.

As guerras provocaram a diminuição no índice dos suicídios, mas no pós-guerra, por volta dos anos 50, com a ascensão da economia japonesa, o número de suicidas voltou a crescer. Durkheim defende que as taxas de suicídio variam em função inversa à das atividades econômicas. Com investimentos americanos, a economia decolou, mas incompreensivelmente, jovens que deveriam desfrutar de tal avanço, morreram aos milhares, como se fosse um tributo póstumo. Eles não morreram **na** guerra, mas morreram **da** guerra, da perturbação provocada em sua infância e na sua moral atingida, além da “invasão” que a nova cultura ocidental (principalmente americana) os impunha.

A população nascida entre 1930 e 1935, tinha 10 anos no momento da derrota, na Segunda Grande Guerra. Após 10 anos, ela tornava-se adulta e se via em um novo Japão. Influenciada pelo capitalismo e materialismo americanos, tornou-se uma sociedade de concorrência, em busca de pequenos lucros, em contraste com o simbolismo oriental (temos aí a primeira causa da quebra de sustentação do Japão: abandono das suas tradições).

As cicatrizes da guerra permaneceram por muito tempo. Em 1954, mulheres entre 20 e 25 anos se desesperavam para se casar, enquanto os homens de 15 a 30 anos, confirmavam não estarem preparados para se casar e, regrediram emocionalmente pelas feridas deixadas pela guerra, por isso, se suicidavam com maior frequência.

Exemplificando: Yukio Mishima, escritor japonês que vivenciou todo o período do pós-guerra, foi o mais célebre a responder ao apelo dos mortos dessa época. Suicidou-se aos quarenta e cinco anos, em 1970, pois, desacreditado atribuiu a si próprio, a missão de restaurar a doutrina imperial, pois o Imperador já não era visto com um poder transcendental e divino. Defenderia o *bushido* e faria do *Hagakure* seu livro de cabeceira. A essência do *bushido* foi escrita pela primeira vez no *Hagakure* - O livro do Samurai, de Yamamoto Tsunetomo, no século XVIII. Mishima recrutou dezenas de estudantes de vinte anos e formou a *Tate no kai*, ou seja, a “Sociedade do Escudo” que seria destinada a defender o Imperador. Ela não aprovava o terrorismo e nem o egoísmo individual. O ato principal de Mishima e de seus mais fiéis seguidores foi a invasão do Quartel General das Forças Armadas de Defesa de Tóquio. Nela, a rendição do general Mashita, com um punhal na garganta, para que os mil militares da base se reunissem para escutar as palavras de Mishima, foi a estratégia encontrada por ele, para se fazer ouvir. Seu discurso foi realizado com muito sarcasmo e gracejos e acompanhado pela imprensa que sobrevoava o local de helicópteros. Percebendo que seus ideais não eram partilhados, mas sim desrespeitados tomou uma atitude extrema: executou o *harakiri*, da mesma forma que os antigos *samurais* executavam, em frente às câmeras e à plateia. Seu sacrifício queria simbolizar a importância que os antigos valores e tradições japonesas, deveriam ter para a “nova” sociedade.

A antiga sociedade de guerreiros camponeses rurais edificava a paz necessária sobre duas renúncias: claustro (quando se retirava do mundo para viver como eremita ou monge) ou o suicídio.

Segundo os dados de 2002 da OMS, mais de um milhão de pessoas morriam através do suicídio e, o Japão era um dos países que apresentavam maiores índices entre os países desenvolvidos. O índice de suicídios no Japão, segundo o Jornal Nippo – Brasil, era de 32.000 pessoas por dia, sendo a maioria do sexo masculino. Hoje, (OMS, 2012), mais de 800.000 pessoas morrem por suicídio por ano, já mencionado no início deste texto, o que demonstra uma diminuição significativa destes índices, mas ainda assim é um índice elevado para a média mundial.

Para os japoneses, o ato suicida não é tratado com tanto estranhamento. Há muitos casos de suicídio coletivo de jovens que se encontram pela internet e buscam companheiros para a morte. A partir dos dados estatísticos, percebe-se que o suicídio faz parte do dia a dia japonês. Eles comentam sem estranheza sobre os casos.

Matar-se frente ao insucesso ou fracasso escolar pode ter o mesmo sentido que a perda de uma guerra ou deixar seu senhor morrer. O jovem japonês do século XXI, encontra no suicídio, a solução para adaptar-se à situação de perdedor no mundo competitivo em que vivemos. Perdedor no sentido de produtividade, de melhor colocação no mercado de trabalho ou ao status de melhor aluno. O jovem japonês moderno não suporta a vergonha após ter seu objetivo não atingido.

Como menciona Durkheim (2005, p.233): “Para que a sociedade possa obrigar alguns de seus membros a matarem-se, é necessário que a personalidade individual seja muito pouco levada em consideração”. O homem se mata facilmente quando está desligado da sociedade, mas também se mata, se estiver por demais integrado nela e, sua importância fora do grupo, deixa de ter sentido. O individual perde seu poder para o coletivo.

Traduzindo este fenômeno para os conceitos da Gestalt-terapia falamos da fronteira de contato, ou seja, a experiência que se dá na fronteira entre o organismo e seu ambiente, experiência esta, sensorial e motora, que levam a uma configuração psíquica e significativa para a pessoa. É a maneira de se relacionar do ser com o mundo e com os outros.

No Japão antigo, a fronteira de contato das pessoas apresenta-se extremamente rígida, mas atualmente parece ter se tornado permeável, onde os valores orientais e ocidentais se misturam. Houve ainda, uma mudança entre a consciência de perceber o estímulo e, o comportamento conseqüente ou a ação tomada pelo japonês atual, após esta percepção. A forma que a cultura ocidental invadiu o país foi tão brusca, que as pessoas não puderam digerir e sim, tiveram de engolir tudo aquilo que foi imposto como importante e valoroso para eles, na visão ocidental. O ambiente moderno mudou e o contato com ele também sofreu conseqüências, dificultando os ajustamentos criativos do indivíduo que vive nesta sociedade. O ajustamento criativo é a capacidade de assimilação ou rejeição de tudo aquilo que toca em nossa fronteira de contato, considerando que assimilar não é meramente ajustar-se à situação, mas sim, a total compreensão e digestão daquilo que é considerado novo para esta pessoa.

A história da cultura japonesa e formação de seus costumes proporciona uma compreensão dos japoneses quanto à morte, o morrer e o suicídio. O grande número de suicidas na atualidade do país é um reflexo de toda a formação que receberam durante sua vida. Esta formação pode ser passada pela transgeracionalidade, ou seja, a herança psíquica que passa de geração para geração através da comunicação não-verbal. Os valores são passados dentro de uma família, para seus demais membros, inseridos em uma forte cultura, na qual a família ainda é muito valorizada. Desde o início da relação mãe-bebê, são passados esses valores que são fornecedores de uma base estruturante e geradora de segurança, indispensáveis para o desenvolvimento e formação da personalidade da criança.

Há segredos familiares que são endossados por todos os membros por várias gerações até se tornarem um mito. Mito significa, neste caso, um segredo, crenças ou atitudes inconscientes que se perpetuam na determinação de um comportamento. As origens desses mitos frequentemente perdem-se com o passar dos anos, contudo parece não diminuir seu poder. Eles podem ser iniciados por um membro da família e não permanecem como propriedades de um só indivíduo. Há uma grande influência em todos os demais membros.

Estes fatores adicionados ao choque cultural sofrido pela Segunda Guerra ocasionaram a aceitação do suicídio pela honradez, mas esta honradez hoje, está ligada ao consumo capitalista e o imediatismo provindo da cultura ocidental.

O ambiente onde a pessoa está inserida é uma das grandes influências para a formação da pessoa, dos seus valores, crenças e princípios. Deve ser, portanto, também analisado em relação às causas e motivações do suicídio.

O papel da família é de extrema importância no tratamento psicológico do cliente. Sua influência surge tanto nos fatores hereditários, como na forma em que foram passadas as crenças e valores dentro do ambiente familiar até os dias atuais.

Dependendo da fase de desenvolvimento (infância, pré-adolescência, adolescência, adulta e terceira idade), na qual o cliente se encontra, a sua preocupação e compreensão sobre a morte, assim como diferem os sentimentos envolvidos, variam conforme a maturidade.

O ambiente pode influenciar de outra forma: através dos valores culturais. Este é o tema central do trabalho, pois, estudando a cultura japonesa foi possível identificar diversos fatores históricos que interferiram na visão atual dos japoneses sobre a vida e a morte. Por ser uma cultura conhecida como forte e milenar, facilita a análise das crenças e valores das pessoas como um todo. Os períodos de grandes mudanças, como a passagem do Japão feudal para o Japão modernizado, o período da Segunda Guerra e o pós-guerra contribuíram para que os suicídios aumentassem de tal forma, que os índices são altos até os dias atuais. Essa mudança de valores, a diminuição dos valores simbólicos e a permanência do capitalismo fizeram com que homens, como Yukio Mishima, desacreditassem nas transformações do país e buscassem na morte, um sentido para a vida.

Na atualidade, o mundo está cada vez mais dinâmico e competitivo. A aquisição daquilo que faz parte da essência do indivíduo e da sociedade perdeu sua importância para aquilo que é material e consumível. O “**ter**” tornou-se mais importante que o “**ser**”. E esta troca de valores ocorreu ao mesmo tempo em que os mais diversos meios de comunicação se desenvolveram, mas a garantia da qualidade da informação ainda é questionável. O jovem, além de ter de lidar com todos os conflitos de seu desenvolvimento, sua identidade e seu sentimento de onipotência, ainda precisa lidar com esse mundo exigente e rival. Frederick Perls defende em sua palestra sobre assimilação:

[...] com transformações tão rápidas acontecendo, torna-se cada vez mais difícil o ajustamento à sociedade. [...] acredito que estamos vivendo numa sociedade doente, onde as pessoas apenas precisam escolher entre participar da psicose coletiva, ou correr riscos e tornar-se sadio, e talvez também ser crucificado (Perls, 1977, p.51).

No Japão, por causa dos valores sociais e culturais, existe uma cobrança ainda mais acentuada, o que poderíamos apontar como uma das razões das altas taxas de suicídio. Podemos pensar então, que o sentimento de honra motiva o suicídio na cultura japonesa até os dias atuais. Mas é importante salientar que no Japão Antigo, o suicídio era visto como uma forma de fechamento de uma Gestalt através do enfrentamento da morte. No Japão Moderno, o suicídio é a quebra do ciclo de uma Gestalt porque a honradez, não é uma demonstração da hombridade e maturidade do ser como antigamente, mas sim, um reflexo da invasão cultural ocidental nas tradições do Japão, que com a modernidade, se vê obrigado a “abrir suas portas” para uma cultura que propaga um imediatismo e consumismo sem ao

menos permitir que os tradicionais valores intrínsecos do povo japonês possam “conviver”, para que eles não se sintam órfãos da sua identidade de valores.

Ao se trabalhar com os aspectos culturais do cliente/paciente, o profissional da saúde, pode adquirir uma maior compreensão, como atuar com pacientes suicidas e seus sinais de risco. A compreensão do universo do seu cliente e o trabalho com a auto aceitação do seu ser são imprescindíveis para o trabalho terapêutico. Seguindo o pensamento do fundador da Gestalt-terapia, Frederick Perls (1977, pp. 49-50) sobre a maturação da pessoa: “amadurecer é transcender ao apoio ambiental para o auto apoio”. Isto, na terapia, deve ser feito através da descoberta do paciente, sobre o seu potencial esquecido, ou seja, o paciente tenta utilizar-se do terapeuta, principalmente como uma tela de projeção, responsável pela mobilização de energia e de resoluções de tudo aquilo que ele próprio não consegue. Já o profissional tem a função de proporcionar a oportunidade, a situação na qual a pessoa deva compreender pelo levantamento de questões relevantes ao problema e, vivências que possibilitem uma tomada de consciência para ele mesmo analisar sua realidade de forma mais coerente. Essa tomada de consciência muitas vezes se dá através da frustração do cliente, favorecendo o desenvolvimento de seu próprio potencial.

Para evitar a reincidência de uma nova tentativa, o terapeuta, segundo Fukumitsu (2012, p.103) deve seguir três passos:

O *primeiro* é o de estar consciente e reconhecer os fatores de risco previamente indicados. O *segundo* está relacionado com a atitude que devemos adotar como terapeutas, isto é, prestar atenção cuidadosamente ao comportamento do cliente e às dicas que ele pode dar. O *terceiro* é que, se há indicação de potencial de suicídio, torna-se vital explorar os problemas do suicídio com o cliente tanto quanto o terapeuta puder.

Os motivos que levam o ser humano a interromper seu ciclo normal de vida sempre levarão à dor e tristeza dos que ficam, mas, viver uma vida com sentido até o fim e compreender a condição humana de ser mortal é desenvolver nossa capacidade de entrar em contato com nosso interior com maturidade e respeito ao nosso corpo, valores e crenças. Esta pesquisa ofereceu além da compreensão da motivação do suicida japonês, um olhar de sensibilização e ampliação do entendimento sobre o suicídio, em si, como análise para pessoas que precisam lidar com a vida e a morte no seu cotidiano. Através do estudo específico da cultura japonesa, foi possível uma maior compreensão do funcionamento e da relação do suicídio e a sociedade como um todo. A cultura de séculos atrás, permanece nos mais simples atos e pensamentos do dia-a-dia, ainda que tentemos esquecê-los ou negá-los.

Ao transferir esses conhecimentos adquiridos à minha realidade ocidental, na psicologia clínica, percebi a importância de uma relação empática e genuína entre o terapeuta e cliente, principalmente quando o assunto tratado é em relação à existência. Esse relacionamento deve estar presente em todas as sessões, para que o cliente se sinta seguro e respeitado pelas suas ansiedades e por todo o contexto em que está inserido. Estabelecendo essa segurança, o cliente poderá colocar suas questões de forma direta, sem medo dos preconceitos de seu terapeuta, a fim de realmente solucionar ou ao menos, clarificar suas questões.

Nós, seres humanos, buscamos sempre o nosso sentido de vida, que podem ser expressos, por exemplo, na profissão, nos afetos, nas emoções ou na solidariedade. Infelizmente, vivemos em um mundo onde há uma falta geral de sentido. Falta de sentido nas ações, nas palavras e nos gestos. Deparamo-nos com os homens-bomba (suicidas por objetivos políticos, econômicos e religiosos), com os ataques aos meios de transportes, embaixadas, notícias de guerrilhas e disputas territoriais, massacres, homicídios, etc. Tudo isto leva a uma reflexão ainda mais profunda do sentido de vida e da morte das pessoas no mundo atual, quais são os valores que prevalecem e qual o significado de “honra” e “existência”. A cada atrocidade, esta falta de significado é acentuada.

A psicoterapia é a profunda exploração e compreensão do sentido de vida de cada pessoa. No entanto, vida e morte são interdependentes. Por mais que tentemos negar a morte, ela é inevitável. E os psicoterapeutas não podem ignorar o fato de que viver bem é aprender a morrer bem.

### Referências

- Carneiro, M.L.T., Takeuchi, M.Y. (2010). *Imigrantes japoneses no Brasil: Trajetória, Imaginário e Memória*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Dias, M. L. (1991). *Suicídio: testemunhos de adeus*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Durkheim, E. (2005). *O Suicídio*. São Paulo: Martin Claret.
- Fukumitsu, K. O. (2012). *Suicídio e Gestalt-terapia*. São Paulo: Digital Publish & Print.
- Kovács, M.J. (1996) *Vida e Morte: Laços da existência*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Perls, F. S. (1977). *Gestalt-Terapia explicada (Gestalt-therapy verbatim)*. São Paulo: Summus Editorial.
- Pinguet, M. (1987). *A Morte voluntária no Japão*. Rio de Janeiro: Rocco.
- WHO. (2014). *Suicide Prevention (SUPRE)*. Acesso em 8 de abril de 2015. Disponível em: [http://www.who.int/mental\\_health/prevention/suicide/suicideprevent/en/index.html](http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/suicideprevent/en/index.html)